

Livros Ciência:

A posteridade dos comuns

Em *O Mapa Fantasma*, Steven Johnson reconstrói trágica epidemia de cólera na Londres do século 19

Elias Thomé Saliba

ESPECIAL PARA O ESTADO

Alain Corbin dizia que as pessoas comuns só participavam da história quando, por força de alguma grande epidemia, morriam e entravam para as estatísticas. Talvez por isso o tema das epidemias possua aquela intrínseca vocação de fazer derrapar qualquer história tradicional. Os protagonistas dos grandes eventos históricos - guerras, revoluções ou conflitos sociais - guardam sempre uma certa consciência do momento em que vivem. Já as epidemias engendram a história a partir de baixo, pois seus protagonistas não passam de pessoas comuns, que seguem rotinas estabelecidas, sem pensar um segundo sequer como suas ações serão registradas para a posteridade - até finalmente entrarem no sombrio anonimato das estatísticas. Séries estatísticas podem ser rigorosas, mas muito áridas para uma reconstrução atraente. Para fugir da aridez, o historiador necessita de empenho redobrado, argúcia ao interrogar fontes mudas e muita imaginação. Por isso, não causa espanto que os relatos de epidemia que exerceram maior impacto cultural vieram de ficcionistas notáveis: Daniel Defoe (*Diário do Ano da Peste*) e Albert Camus (*A Peste*). Tais ingredientes, tanto dos historiadores quanto dos escritores, não faltam na bagagem de Steven Johnson, que em *O Mapa Fantasma* reconstrói com vivacidade a história da trágica epidemia de cólera em Londres em meados do século 19.

A Londres de 1854 era uma cidade da era vitoriana com uma infra-estrutura pública da era elisabetana: 2,5 milhões de habitantes se amontoavam numa área urbana onde inexistiam técnicas que hoje nos parecem triviais: centros de reciclagem, sistemas de água e tratamento de esgotos, departamentos de saúde pública, etc. À medida que se avolumavam os problemas do lixo e dos refugos, a própria cidade improvisou uma resposta: surgiu um mercado informal de centenas de indivíduos que buscavam seu sustento no refugio humano. O contingente formado de catadores de ossos, junta-trapos, lameiros, lixeiros, limpadores de fossa, cata-velas e varredores chegava a quase 100 mil pessoas. A contaminação das fontes de água potável por dejetos humanos era fatal.

Quanto veio o surto do cólera, em 1854, morreram mais de 500 pessoas em menos de dias. O cólera era então, como outras doenças, enquadrado na teoria dos miasmas, que atribuía tudo às emanções tóxicas de regiões insalubres, vapores pestilentos, ares viciados de ambientes imundos - em resumo, seguia estritamente a simples, concisa e categórica ortodoxia de que "todo mau cheiro era doença". A teoria era de tal forma disseminada que se transformou no paradigma científico dominante: até Florence Nightingale - a mais querida e influente personalidade na área da saúde no período vitoriano -

recomendava em seus escritos providências enfáticas para a purificação do ar em doentes com sarampo, varíola ou escarlatina. Por que a teoria do miasma, apesar de numerosas evidências de sua falsidade, persuadiu tantas mentes brilhantes, como Friedrich Engels ou Charles Dickens? Porque uma teoria serve não apenas para organizar a realidade e iluminar novos fatos - ela também pode, como um holofote giratório, obscurecer eventos singulares e empanar as mentes. Johnson responde abrindo novas verdades para uma história da ciência voltada não para os momentos iluminadores, mas para os momentos menos conhecidos nos quais predominaram os equívocos e as pistas falsas.



JOHNSON - Ele exerce a imaginação para interrogar fontes mudas



O Mapa Fantasma

Steven Johnson

Tradução de Sergio Lopes

Jorge Zahar. 276 págs., R\$ 39,90

Para isto, compõe uma narrativa atraente, na qual a trajetória e a luta de dois homens para descobrir o foco da epidemia e enfrentar o pensamento científico vigente – o médico John Snow e o padre Henry Whitehead – servem de recursos para criar suspense e constante interesse do leitor. Snow era um médico bem-sucedido como anestesiologista, chegando mesmo a cuidar da própria Rainha Vitória. Mas era tido como esquisitão, meio renegado, solitário, vivendo no Soho e fazendo

experiências químicas em sua própria casa. Desde o início do surto, ele discordava dos “miasmistas” – que dominavam a administração da cidade – e achava que a epidemia transmitia-se por via oral, através da água. Como não era possível a comprovação pela análise microscópica, Snow foi obrigado a atuar mais como sociólogo do que médico, observando e coligindo dados a respeito dos hábitos e padrões do consumo de água dos habitantes, chegando a desenhar um mapa detalhado com a localização dos óbitos.

Mas os médicos e administradores da cidade só prestaram atenção nos seus argumentos quando suas pesquisas foram reafirmadas pelo padre Whitehead, que conhecia profundamente os hábitos dos seus paroquianos e não acreditava nas explicações da teoria dos miasmas. O mapa fantasma, elaborado por Snow, mostrou que a concentração das mortes nas vizinhanças da bomba de água de Broad Street, demonstrava a conexão entre a água e a doença. Mas foi só depois de inúmeras demandas que o conselho administrativo da região mandou remover a bomba do poço e o surto epidêmico recuou drasticamente. De qualquer forma, Johnson não faz de Snow um

cientista visionário, que lutava sozinho contra o modelo dominante para descobrir a causa da terrível pestilência – seu triunfo deveu-se muito mais à sua argúcia que parecia para um certo diletantismo engajado derivado do íntimo conhecimento da comunidade. Outro diletante de mente aberta e investigativa foi Withehead, que não dispunha de qualquer preparo médico e nenhuma formação em saúde pública – ainda assim, seus valores religiosos não o deixaram cego para as luzes da ciência. O triunfo da dupla foi, no fundo, o triunfo de um certo diletantismo engajado e apaixonado. Eles conseguiram vislumbrar o vibrião do cólera numa época na qual os vitorianos mal podiam ver as formas de vida microbiana que flutuavam num prato debaixo do seu nariz. E quantas vidas foram salvas, graças ao diletantismo daqueles que honestamente se dedicam àquele setor, hoje depreciativamente chamado de “pesquisa pura”.

Misturando medicina com saúde pública – e um pouco de aventura rocambolesca fartamente documentada – Johnson manda um recado que serve de alerta aos atuais responsáveis pelas políticas mundiais de saúde pública. E reconstrói um capítulo particularmente dramático da história da conversão de nossas sociedades para um planeta quase que totalmente urbano. Uma história comovente na qual as pessoas comuns deixam de ser meras estatísticas, ganham seus próprios nomes – e suas residências são definitivamente localizadas no mapa fantasma da posteridade. ●

Elias Thomé Saliba é historiador, professor da USP e autor, entre outros, de *As Utopias Românticas*